



Revista Eletrônica de Filosofia
Philosophy Eletronic Journal
ISSN 1809-8428

São Paulo: Centro de Estudos de Pragmatismo
Programa de Estudos Pós-Graduados em Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
Disponível em <http://www.pucsp.br/pragmatismo>

Vol. 17, nº. 2, julho-dezembro, 2020, p.291-302
DOI: 10.23925/1809-8428.2020v17i2p291-302

A LINGUAGEM COMO PONTO DE PARTIDA: OS CAMINHOS DA FILOSOFIA APÓS A VIRADA LINGUÍSTICA

Valdomiro Pinheiro Teixeira Junior

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
valdomiro@unifesspa.edu.br

Resumo: Propomos uma categorização mais abrangente sobre os diferentes pensamentos a partir da virada linguística. Consideramos cinco diferentes caminhos que a filosofia da linguagem tomou: Hermenêutica, Estruturalismo, Formalismo, Filosofia Analítica e Filosofia Pragmática. Detemo-nos, principalmente, sobre as filosofias Analítica e Pragmática, e apresentaremos ainda breves considerações sobre a possível relação da virada linguística com o pós-modernismo.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem, Virada Linguística, Filosofia Analítica, Filosofia Pragmática.

LANGUAGE AS A STARTING POINT: THE PATHS OF PHILOSOPHY AFTER THE LINGUISTIC TURN

Abstract: We propose a more comprehensive categorization about the different thoughts from the linguistic turn. We consider five different paths that philosophy of language took: Hermeneutics, Structuralism, Formalism, Analytical Philosophy and Pragmatic Philosophy. We focus mainly on the Analytical and Pragmatic philosophies, and we will also present brief considerations about the possible relationship of the linguistic turn with postmodernism.

Keywords: Philosophy of Language, Linguistic Turn, Analytical Philosophy, Pragmatic Philosophy.

* * *

Introdução

No fim do século XIX, houve uma virada na compreensão epistemológica, onde o sujeito deixou de ser compreendido como um ser totalmente autônomo e autoconsciente, pois entendeu-se que este reflete questões que são externas a ele. É tomado agora como dependente da *intersubjetividade*, e nesse sentido, a *linguagem* é privilegiada. O conhecimento não pôde mais ser pensado independentemente da linguagem. Por isso, o que prevalece nesse período é a análise da linguagem, de onde praticamente vem se desenvolvendo a filosofia até hoje. Apresentamos o que ocorreu após a mudança de paradigma da construção e

transmissão do conhecimento, que se afasta da concepção referencial da linguagem, não sendo mais ela um meio, mas sim o ponto de partida. Desse modo, buscamos contextualizar histórica e teoricamente a virada linguística, apresentando de forma breve seus principais pensadores e suas vertentes.

O termo *virada linguística* foi primeiramente utilizado em Bergmann (1953), mas se tornou canônico, de fato, com a obra de Rorty ("The linguistic Turn" de 1967), quando apresenta os pensadores que desenvolveram o que ele denomina *filosofia linguística*.

Geralmente a virada linguística é associada mais à filosofia analítica, e a hermenêutica filosófica é tida como participante que usufruiu deste desenvolvimento. No entanto, esse processo de mudança se deu gradualmente, e não ocorreu a partir de um exato pensador ou de uma exata teoria, referente a uma data ou a publicação de alguma obra, pois isso, buscamos ampliar os pensamentos que apoiaram o desenvolvimento desse movimento. A fundamentação filosófica na linguagem foi um movimento que se desenvolveu, ganhando corpo a partir de diversos pensadores e obras, que foram influenciando os pensadores seguintes.

Habermas (2000) considera que um novo paradigma se firmou, afastando-se de um paradigma anterior denominado *filosofia da consciência*, que havia sido o idealismo, racionalismo e empirismo. Neste novo paradigma a linguagem passa a protagonizar a cena filosófica. Habermas considera que esta nova filosofia se divide em duas vertentes que ele chama de *hermenêutica filosófica* e *filosofia pragmática*, mas estas duas vertentes também são chamadas de filósofos continentais e analíticos para os mesmos. Bernstein (2013) acrescenta um terceiro grupo, os estruturalistas. Propomos aqui uma categorização mais abrangente: consideramos que analíticos e pragmatistas se diferenciam e assim formam dois grupos de pensadores, temos os filósofos da hermenêutica, do estruturalismo e ainda o formalismo. Apresentaremos ainda breves considerações sobre a possível relação da virada linguística com o pós-modernismo.

Hermenêutica

Os pensadores da hermenêutica filosófica são chamados de *filósofos continentais*, pois são da França e Alemanha, principalmente. Bernstein (2013) destaca, que se considerado o desenvolvimento da hermenêutica filosófica, a virada linguística teria se dado a partir de Hamann, na Alemanha, no início do idealismo alemão, ou em algum dos que o sucederam, como Humboldt e Herder, acrescentando as contribuições de Dilthey, Heidegger e da hermenêutica ontológica de Gadamer.

Com Heidegger e Gadamer o fenômeno hermenêutico ganhou força e importância, e a discussão filosófica se afasta do paradigma metafísico, trazendo-a para o mundo do sujeito, ou melhor, dos sujeitos, pois a hermenêutica filosófica enfatiza a intersubjetividade, buscando fazer a interpretação no interior dessas relações humanas. É nesse sentido que Gadamer entende que

no redespertar do sentido do texto já se encontram sempre implicados os pensamentos próprios do intérprete. Nesse sentido o próprio horizonte do intérprete é determinante, mas também ele não é como um ponto de vista próprio que se mantém ou se impõe, mas

como uma opinião e possibilidade que se aciona e coloca em jogo e que ajuda a apropriar-se verdadeiramente do que se diz no texto. Acima descrevemos isso como fusão de horizontes (GADAMER, 1997, p. 503).

Portanto, na hermenêutica filosófica, afasta-se da velha tradição hermenêutica religiosa, pois, compreender é, antes de mais nada, um processo em que o intérprete se inclui, e onde ocorre o que Gadamer denomina por “fusão de horizontes”. Não temos, assim, uma mera interpretação textual, mas uma produção de sentidos.

Heidegger propõe um novo método para explicar a apreensão do conhecimento que busca se afastar da concepção idealista. O filósofo parte de uma analítica existencial que se volta para o ser, como sujeito existencial, e compreende que tal análise só pode ser feita na linguagem, não a partir dela, mas nela em si, pois passa a considerá-la como a “morada do ser”.

Assim não se buscaria mais verdades eternas, pois tais tornam-se relativas, já que dependem das relações humanas, a partir da linguagem. Esta hermenêutica existencialista levou à ideia de um sujeito autônomo, livre e intencional, que é capaz de produzir sentido, assumir responsabilidades e transformar a realidade, e assim, o sujeito não poderia ser conduzido para fins pré-determinados, mas necessitaria ser auto motivado, isto é, que deveria conduzir a si mesmo

Estruturalismo

Seguindo a classificação de Bernstein (2013), além da direção hermenêutica e analítica/pragmática, a filosofia da linguagem se desenvolveu a partir da corrente filosófica denominada *estruturalismo*, que nasceu dos estudos em linguística do suíço Saussure, considerado pai da linguística moderna. Em sua obra *Curso de Linguística Geral*, Saussure apresenta o conceito de semiologia (estudo dos signos), que estuda os signos na vida, em todos os aspectos, não só linguísticos, mas de todo tipo, como os ritos simbólicos e a moda, por exemplo.

Dessa forma, os estudos de semiologia alcançam um caráter amplo, que ultrapassa os limites da linguística e podem colaborar na psicologia, antropologia, sociologia e outros estudos. Saussure entendeu que era possível extrair estruturas a partir da empiria que se revela por meio da fala, isto é, leis gerais a partir das observações sobre os processos comunicativos. Por isso, o desenvolvimento de sua teoria é chamado de *estruturalismo*, onde se crê ser possível perceber sistemas a partir das observações sobre as relações que existem. Assim, o estruturalismo se afasta da ideia de essência autocontida, mas de que se deve as essências, a partir das estruturas sistemáticas, serem percebidas. O estruturalismo se diferencia da hermenêutica filosófica, no sentido de que enquanto essa busca adentrar na intersubjetividade, o estruturalismo busca ver por fora dela.

Historicamente há uma relação entre os termos “estruturalismo” e “construtivismo”. O estruturalismo que começou com Saussure, se transformou, com Lévi-Staruss em um estruturalismo histórico ou de desenvolvimento, como feito por Foucault, onde começou a se entender que as grandes culturas tradicionais são opressivas, marginalizantes, patriarcais e monológicas. Dessa forma, passou a se entender que estruturas foram criadas por tais culturas, com a pretensão de serem

universais, para impor e manter seus privilégios históricos. Então, a partir do estruturalismo se avançou para os estudos culturais e se entendeu que as consciências coletivas não são dadas, mas construídas. Disto temos o desenvolvimento do *construtivismo social*, que entende que as realidades físicas e biológicas, como raça e sexo, são socialmente construídas.

Podemos também perceber outra modificação a partir do estruturalismo original, que se realizou a partir de 1950, com o desenvolvimento do construtivismo epistemológico, que tem em Piaget seu principal representante. Piaget baseado na ideia de estrutura de Kant, se contrapõe a esta, não a compreendendo como inata, mas como desenvolvida em estágios, como apresentamos no capítulo anterior. O construtivismo piagetiano tem influências também do estruturalismo, ou seja, esta teoria reúne uma análise subjetivista de Kant, com uma abordagem intersubjetivista, vista pelo lado de fora, isto é, procurando estruturas que expliquem como o indivíduo adquire conhecimento.

Formalismo

Uma área muito importante na filosofia da linguagem é a matemática, aparecendo dentro da discussão filosófica da matemática, de maneira bastante original. Dentro da filosofia da matemática, há a corrente *formalista* que geralmente não é relacionada à virada linguística, mas que acreditamos ser importante citar, pois vemos nessa corrente um destaque para a questão linguística na matemática. Além do que, o pioneiro dessa corrente, Hilbert, teve relações com o círculo de Viena – que abordaremos adiante.

Criado por volta de 1910 por Hilbert, o formalismo tinha por objetivo encontrar uma técnica matemática que pudesse demonstrar que a matemática estava livre de contradições. Para tal desenvolveu uma linguagem formal, com regras e propriedades, e se propôs a demonstrar que não haveria contradições.

Nesse sentido, o formalismo não se relaciona exatamente com uma concepção ideal, mental ou empírica, mas estaria muito mais próxima de uma ideia puramente linguística, mas não no mesmo sentido dos autores envolvidos na virada linguística, citados aqui, pois, o formalismo compreende a matemática como uma manipulação de símbolos sem significado fora da própria manipulação, tendo apenas regras sintáticas bem elaboradas, ou seja, como nos diz Machado (2004, p. 176), no formalismo de Hilbert, o significado estava nas regras de manipulação dos símbolos.

Porém, os resultados alcançados pelo matemático Gödel mostraram que o projeto de Hilbert era irrealizável e, assim, o programa formalista também não conseguiu provar a certeza dos métodos matemáticos. Os teoremas de Gödel também golpearam o logicismo iniciado por Frege e Russel, pois desfez a noção que se tinha sobre a relação entre a lógica e a matemática, o que repercutiu na filosofia analítica iniciada a partir de Frege e desenvolvida pelo círculo de Viena, e levou ao enfraquecimento desta, pelo menos em sua linha como filosofia analítica, abrindo mais espaço para a filosofia pragmática.

Filosofia Analítica

A virada linguística que se inicia na Inglaterra vai tomar dois rumos diferentes, aquele que busca uma *linguagem ideal* e a que vai buscar analisar o uso da

linguagem, isto é, a pragmática na *linguagem ordinária*. A primeira denominaremos de Filosofia analítica e a segunda de filosofia pragmática. Estas filosofias se desenvolveram a partir dos estudos realizados em duas cidades inglesas, Cambridge e Oxford, que originaram a filosofia analítica e a filosofia pragmática, respectivamente.

A origem da filosofia analítica se deve aos estudos logicistas de Frege¹ e Russell. A filosofia analítica se utiliza dos desenvolvimentos logicistas e da ideia de análise conceitual que busca revelar a forma lógica original das proposições, por isso, considerado, uma espécie de realismo metafísico, pois coloca a fundação em uma lógica, que tem uma realidade independente, ou seja, a filosofia buscava uma linguagem ideal. A filosofia analítica ganha corpo filosófico de fato, como análise linguística, com a obra *Tractatus* de Wittgenstein – que havia sido influenciado por Frege e Russel –, que exercerá enorme influência no desenvolvimento da filosofia analítica.

Portanto, o projeto logicista de Russell buscava fundamentar a linguagem na lógica, mostrando que há uma forma lógica comum à linguagem e ao mundo representado por ela. A relação da linguagem com o mundo se dá em uma correspondência biunívoca, cada nome da linguagem se refere a um objeto do mundo, e as proposições formadas pelos nomes se referem aos fatos do mundo. “A proposição elementar é constituída de nomes. É uma conexão, um encadeamento de nomes” (WITTGENSTEIN, 1993, §4.22). Como mostra Schmitz (2004, p. 127), citando Frege em seus escritos póstumos, “se nossa linguagem fosse logicamente mais perfeita, não teríamos mais necessidade da lógica, ou antes, poderíamos apreendê-la diretamente da linguagem”.

Dessa forma, Wittgenstein intentou dar continuidade ao projeto logicista de Russell, seguindo sua concepção atomista. Ele entende que assim se dá a correspondência, mas que não conseguimos enxergar esses elementos mais básicos, ficando para nós apenas as proposições e os fatos. O filósofo parece acreditar que apenas uma linguagem ideal que apresentasse tais elementos mais básicos e a forma lógica que os fundamenta, explicaria, de fato, mas ele não exemplifica como seria isso (FANN, 2013), dando a entender que se deve apenas aceitar que a lógica está no domínio das relações entre a linguagem e o mundo.

No *Tractatus* ele buscou esclarecer as condições lógicas que o pensamento e a linguagem devem atender para poder representar o mundo - ele buscava desvelar a essência da linguagem. Nessa fase, Wittgenstein era essencialista e considerava a linguagem como referência da lógica. O filósofo estava bastante próximo do logicismo, devido às influências de seus mentores, Frege e Russel. Glock (1998) nos informa que de Frege, Wittgenstein, adotou a exigência de que o sentido de uma proposição deve ser determinado, e de Russel, o programa atomista da análise das proposições em termo de seus elementos mais simples. No entanto, Wittgenstein foi além de seus mestres, aprofundando o tema e chegando ao ápice da filosofia analítica, de uma maneira bastante original.

O desenvolvimento da filosofia analítica inicia com o chamado *empirismo lógico* (ou neopositivismo ou positivismo lógico), que será desenvolvido pelo Círculo de Viena, na Áustria. Os filósofos deste círculo declaram que haviam sido

¹ Frege não era de Cambridge, era alemão, da Universidade de Jena. É colocado aqui, pois influenciou profundamente o pensamento de Russell.

influenciados pelo *Tractatus* de Wittgenstein e desenvolveram a filosofia analítica. O círculo de Viena foi um grupo de filósofos da universidade de Viena que existiu entre 1929 a 1937, e entre seus principais pensadores que participaram efetiva ou ocasionalmente, estão, Waissman, Neurath, Carnap, Tarski, Gödel e Ayer, além de ter recebido sugestões e críticas de Popper e do próprio Wittgenstein.

O empirismo lógico desenvolvido pelo Círculo de Viena entende que o conhecimento está alicerçado em dois princípios, como o próprio nome diz, no empirismo e no logicismo. O empirismo entende que a única base legítima do conhecimento é a experiência sensível e que somente a empiria é capaz de fornecer o conhecimento de um conteúdo. O logicismo entende que a linguagem deve estar relacionada à lógica, para ser válida cientificamente. Isto nos leva a entender que este grupo de pensadores compreendia que as experiências sensíveis e o próprio pensamento poderiam ser relacionados isomorficamente com a lógica. Por isso, o Círculo de Viena pode ser considerado o ápice da filosofia analítica, ao buscar uma linguagem ideal pela ciência.

A filosofia analítica continuou a se desenvolver, mesmo que de modo heterogêneo, pelo século XX, com destaque para Kripke e Putnam na filosofia da mente e Burge que busca reinterpretar Frege.

Assim, a filosofia analítica de fato esmoreceu, principalmente com o trabalho de Quine na década de 1950, que buscou diluir a distância entre filosofia e as ciências. Mas podemos dizer que a análise da linguagem vem perdendo força dentro da filosofia analítica, especialmente com Grice e Searle encaminhou-se para uma “filosofia da mente” em um aspecto diferente do psicologismo, considerando a mente como algo objetivo e não metafísico ou espiritual.

Filosofia pragmática

Tanto os filósofos de Oxford, quanto o próprio Rorty (1990), criticaram a filosofia analítica ou filosofia da linguagem ideal, pois, entendiam que tal filosofia procurava, por meio do método científico, construir uma linguagem lógica e ideal. A filosofia pragmática criticou este cientificismo ao igualar a linguagem cotidiana como tão importante quanto à linguagem científica, colocando a linguagem como de fato a fonte de produção dos significados.

Esta corrente mais voltada para o pragmatismo se desenvolve em meados do século XX, a partir da crise da filosofia analítica. De acordo com Marcondes (2005), Neurath e Carnap organizaram, em 1938, juntamente com o filósofo norte-americano, Charles William Morris, uma obra denominada *Enciclopedia Internacional de Ciência Unificada*. A introdução intitulada *Fundamentos de uma teoria dos signos*, escrita por Morris é considerada um marco na filosofia da linguagem, pois é nela que pela primeira vez se vê a divisão da linguagem em *sintaxe*, *semântica* e *pragmática*. De acordo com as definições de Morris, sintaxe examina as relações entre signos, a semântica, as relações dos signos com os objetos a que se referem e a pragmática, a relação dos signos com os seus usuários (MARCONDES, 2005).

A pragmática diz respeito ao uso da linguagem pelos sujeitos nas diferentes situações da vida. Talvez por isso Carnap, considerava a parte da linguagem de mais difícil análise (MARCONDES, 2005). Talvez por parecer de difícil análise, o que se tem feito geralmente são as generalizações presentes nos estudos da semântica e da sintaxe.

No século XX emerge uma filosofia original nos Estados Unidos, denominada *pragmatismo*, que é atualmente mais relacionado a William James, que primeiramente usou o termo, mas que tem em Peirce as primeiras ideias sobre a nova concepção filosófica, que ele depois denominou *pragmaticismo*. De acordo com Bernstein (2013), o pragmatismo americano nega a ideia de uma linguagem ideal, como visto na filosofia analítica, e busca manter o contato com a vida cotidiana dos seres humanos, faz justiça aos modos como a experiência nos conduz, não limitando esta. Em uma concepção mais estrita, logo em seu início, para Peirce o pragmatismo é um *método* “O que se deseja, então, é um método capaz de determinar o verdadeiro sentido de qualquer conceito, doutrina, proposição, palavra, ou outro tipo de signo” (PEIRCE, 1983, p.6).

Peirce, com sua semiótica, elaborou a noção sobre a tríplice função do sinal. Segundo Peirce (2005, p. 46), o signo que constitui a linguagem “é aquilo que, sob certo aspecto ou modo, representa algo para alguém”, e pode ser entendido como alguma coisa que está em lugar de outra, isto é, “estar numa tal relação com outro que, para certos propósitos, é considerado por alguma mente como se fosse esse outro” (PEIRCE, 2005, p. 61). Peirce entende que o signo representa algo diferente de si para os outros, isto é, por meio do signo, compreendemos alguma coisa. O signo se relaciona com algo que quer representar, com o seu significado e com os intérpretes, ideia que se assemelha, a divisão entre sintaxe, semântica e pragmática. Peirce, então, destaca a dimensão pragmática da linguagem, colocando a sintaxe e a semântica como integrantes da pragmática.

William James foi extremamente influenciado pelo seu contemporâneo Peirce. Mas desenvolveu um pensamento diferente, apesar de ainda ser colocado dentro do que se denomina como pragmatismo. James desenvolveu uma espécie de *empirismo radical*, e é nesse sentido que ele é colocado como pragmatista, e não como Peirce, que colocou a linguagem como alicerce para tal. James criticou o empirismo tradicional e desenvolveu a concepção de experiência pura e compreendeu que a linguagem é uma das diversas experiências que o sujeito tem. O filósofo americano não considerava as experiências como unidades que se seguem e se associam, mas que se experimenta “relações”, e por isso não há como conceituar a experiência, pois ela é como é e o que é de fato, assim ela não tem um papel primordial de fornecer conhecimento, e é desse modo que ele vai entender que a linguagem não representa entidades, mas funções (BERNSTEIN, 2013). A experiência é a vida de cada indivíduo e como ela se apresenta para tal. Assim, James não separa a experiência em objeto e consciência, pois uma mesma experiência pode ser tanto mental quanto física, devido essa concepção ele se afasta de teorias representacionistas da mente, nas quais ele mesmo inclui as cartesianas, lockeanas, humeanas, kantianas e neo-kantianas, como a fenomenologia de Husserl. Assim, James avança na ideia de retirar do interior do sujeito as possibilidades únicas de compreender como se dá o conhecimento. (BERNSTEIN, 2013)

O pragmatismo americano se desenvolve com a teoria de Dewey que ele mesmo chamava de *instrumentalismo*. Dewey buscou realizar uma *naturalização darwiniana de Hegel*. Ele relacionou o historicismo de Hegel à teoria biológica de Darwin, ou seja, tomou a ideia de experiência como produto da história como uma questão biológica. Assim, ele entendia que a experiência tem um alcance tanto espacial quanto temporal, não sendo apenas subjetiva ou objetiva, nem mental ou

física, e a partir da ideia de que a experiência surge nas situações cotidianas. A partir de James, Dewey entende a experiência da seguinte forma:

Experiência é o que James chamou de uma palavra de duplo sentido. Ela é de “duplo sentido” nisto, em que, em sua integridade primitiva, não admite divisão entre ato e matéria, sujeito e objeto, mas os contém numa totalidade não analisada. (DEWEY, 1985, p. 10).

Desta noção, Dewey desenvolve também um processo pedagógico, pois o conhecimento, segundo ele, advém das experiências, e depreende que a educação pode fornecer e enriquecer as experiências formando indivíduos para desenvolver uma sociedade cada vez melhor. A partir de Hegel, ele compreendia que a experiência possui um papel de mudança na história. Esses pensamentos educacionais de Dewey influenciaram a reforma educacional dos anos 20 e 30 dos Estados Unidos, que influenciou também o Brasil, quando da entrada do movimento da escola nova.

Dewey não é fundacionista, mas seu pragmatismo leva a noção de uma educação como prática sobre a realidade, que se aproxima do construtivismo aplicado no Brasil. Dewey partiu do *idealismo* hegeliano, enquanto Piaget do *idealismo* kantiano, e os dois sobre bases biológicas.

O pragmatismo americano se desenvolveu de forma diferente do pragmatismo europeu. No entanto, o pragmatismo desenvolvido na Europa, apesar das semelhanças e influências mútuas, apresenta uma diferença que consideramos fundamental: o pragmatismo americano buscou descrever estruturas lógico-científicas por meio da dimensão pragmática da linguagem, que é o uso que os usuários fazem desta, mas não atentando para a comunicação usual de fato, para a linguagem cotidiana, como buscou o pragmatismo britânico.

De acordo com Marcondes (2005) o estudo da pragmática britânica se desenvolveu a partir da noção do *significado determinado pelo uso*. Essa ideia resume-se no princípio de que “a linguagem é uma forma de ação e não de descrição do real” (MARCONDES, 2005, p. 12). Essa linha de pensamento se desenvolveu a partir dos estudos da escola de Oxford, que ficou conhecida como filosofia da linguagem ordinária ou como preferimos chamar, *filosofia pragmática*, que se dividiu em duas vertentes, a do *significado como uso* baseada na segunda filosofia de Wittgenstein, apresentada pela sua obra *Investigações filosóficas*, e a da *teoria dos atos de fala*, iniciado por Austin, e desenvolvida principalmente por Searle.

Na linha pragmática continua uma forma de análise, pois a filosofia analítica nada mais é do que entender que filosofia é análise, e tal análise deve ser realizada sobre a linguagem. Como a linha pragmática envereda por outro caminho, tal concepção de análise também passa a ser entendida de outra forma, não mais como uma busca por uma linguagem ideal, como se somente esta pudesse ser analisada, mas indo ao mundo concreto da comunicação, ou como diz Wittgenstein, retornando ao solo áspero (1999), isto é, à linguagem cotidiana. No entanto, a filosofia pragmática britânica almeja uma investigação da linguagem concreta, aquela que está em uso cotidiano, e a partir de então, determinar, na medida do

possível, o sentido de uma frase por meio da análise, em decomposição em unidades, usos ou atos de fala.

A primeira vertente da filosofia pragmática, o significado como uso, se deu com o segundo Wittgenstein, que reviu seus posicionamentos adotados no *Tractatus* e trata da linguagem, não mais sob um ponto de vista da lógica, pois passa a entender que a busca de uma *essência* na linguagem está fadada ao fracasso, já que não há uma essência a ser descoberta. Nessa fase o filósofo entende que própria linguagem não é uma só linguagem, mas um aglomerado de linguagens, uma variedade de usos em diferentes situações, que o autor chamou de jogos de linguagem, isto é, são os contextos de usos de determinadas linguagens. “Chamarei de “jogo de linguagem” também a totalidade formada pela linguagem e pelas atividades com as quais ela vem entrelaçada” (WITTGENSTEIN, 1999, §7).

Wittgenstein (2014, §302) se opõe ao essencialismo ao dizer que se lhe perguntassem o que é conhecimento, ele listaria itens de conhecimento, pois não há um elemento comum a ser encontrado em tudo que se pudesse chamar de conhecimento. Se nos perguntassem o que é cor, o que deveríamos responder? Há uma essência que define todas as cores? Ou deveríamos dizer: cor é preto, azul, amarelo, verde, vermelho, marrom e outras. A busca pela essência das palavras impede de se olhar apenas, e simplesmente, para os seus usos na nossa linguagem ordinária, isto é, usa-se palavras como conhecimento, cor e filosofia de vários modos, e *isto* é o que elas são. Precisa-se voltar para a linguagem, e não a tomar apenas em seu uso referencial de uma suposta essência que a fundamenta. Então, lembra-nos o filósofo: “Para uma grande classe de casos de utilização da palavra “significação” – Se não para todos os casos de sua utilização -, explicá-la assim: a significação de uma palavra é seu uso na linguagem” (WITTGENSTEIN, 1999, §43).

Na segunda vertente temos a teoria dos atos de fala. Para Austin, estes são núcleos comunicacionais, onde uma mensagem enviada pode ser compreensível pelo seu destinatário, causando certa reação neste último. “Pois (deixando de fora os chamados enunciados ‘analíticos’) a questão da verdade ou falsidade não depende somente de saber o que é uma frase nem mesmo do que significa, mas, falando de modo geral, das circunstâncias em que se deu seu enunciado” (AUSTIN, 1993, P. 143).

Nesse sentido, é preciso considerar as intenções de quem fala, as circunstâncias em que se deu tal enunciado e as obrigações se assumem ao se dizer algo. A reação do destinatário pode ser positiva ou negativa, positiva, pois é desejada pelo emissor da mensagem, ou negativa, quando o receptor se recusa a aceitar ou acatar a mensagem dada. Mas em qualquer um dos casos, há a compreensão da mensagem emitida. Esta compreensão só é possível porque há um conjunto de regras estabelecidas e compartilhadas pelo emissor e receptor. De acordo com Marcondes (2005, p. 16), Austin tentou com esta teoria “dar conta de modo sistemático dos fenômenos pragmáticos, isto é, do uso da linguagem”, e assim o filósofo Britânico compreendia que era sim possível teorizar esta dimensão da linguagem. Para Austin toda a linguagem é performativa, pois em qualquer ato de fala haverá uma forma de agir (MARCONDES, 2005), tornando assim toda linguagem uma dimensão puramente pragmática, e assim entendia que os atos de fala é que são os elementos mais básicos da comunicação, e não, o símbolo, a palavra ou a frase, ou mesmo proposições linguísticas como sentenças da lógica, como na filosofia analítica inicial.

Outros pensadores se detiveram sobre os aspectos pragmáticos da linguagem, como Ryle, um dos iniciadores sobre essa nova forma de pensar, e também considerado como uma das influências filosóficas, juntamente com Wittgenstein, do behaviorismo (GLOCK, 1998), além de um dos inauguradores da filosofia da mente na Europa; Searle, continuando, mas de modo original, a teoria dos atos de fala de Austin; Grice, com a *teoria das implicaturas conversacionais*; Strawson, com a *teoria causal da percepção*; Quine, com as teses da *inescrutabilidade da referência* e da *indeterminação da tradução*; Davidson, com a *teoria da interpretação radical*; Sellars com a *doutrina do nominalismo psicológico*; Apel, principal formulador da *Ética do discurso* e colaborador de Habermas na formulação da *teoria da ação comunicativa* na busca de uma pragmática universal. Esses dois últimos podem ser considerados como pertencentes ao *neopragmatismo*, que busca realizar uma reelaboração do pragmatismo. Também é colocado como neopragmático o autor já citado aqui, Richard Rorty.

Habermas busca a partir da reflexão sobre a pragmática reabrir a discussão sobre a ideia de uma razão moderna, e vem influenciando bastante a pesquisa não só na filosofia e no direito, como nas ciências humanas e sociais em geral, assim como a educação. O autor busca reafirmar que há uma razão moderna que pode ser repensada na perspectiva da virada linguística, mas evitando cair no relativismo pós-moderno. Ele não busca uma razão baseada na filosofia da consciência, como uma razão autoconsciente como Descartes e Kant ou Histórica como pretendeu Hegel, mas uma razão comunicativa, não-subjetiva, mas intersubjetiva, que se dá linguisticamente. As pessoas pela comunicação entram em consensos, em busca de um objetivo comum, de uma verdade que valha para o conjunto e que se dá em um processo constante, que é argumentativo. Por isso, Habermas chama de *pragmática universal*.

Há um conhecido debate atualmente, entre o pensamento de Habermas e Rorty. Este entendia que não poderia haver uma verdade universal, mesmo que baseada em consensos. Ele compreendeu que as verdades dependem dos contextos sociais. Rorty também é chamado de *contextualista* ou *etnocentrista*, ou até mesmo, *pós-modernista*. Em sua análise histórica, que já foi apresentada aqui, foi um grande crítico do fundacionismo, e assim demonstrava uma extrema repulsa a qualquer tipo deste, como ele percebeu no pragmatismo americano, que de acordo com ele se voltou para o fundacionismo ao colocar como base para todo conhecimento a experiência, assim como também considera fundacionista o tipo de pragmatismo realizado por Habermas.

Enquanto Habermas acredita na verdade universal e na reconstrução da razão moderna a partir de um consenso comunicativo ideal, Rorty aposta num saber pós-moderno, emergido das interações intersubjetivas dentro dos contextos, grupos ou comunidades. E com relação à educação, Rorty propõe dissolver o tema da verdade em favor da ideia de liberdade, enquanto para Habermas a educação deve desenvolver consensos universais sobre a educação, mostrando os fundamentos da teoria pedagógica e a legitimidade do discurso educacional.

Pós-modernismo

A pós-modernidade é considerada um fenômeno contemporâneo que busca rever os princípios da modernidade ou colocando no sentido de um relativismo radical. Geralmente se associa a virada linguística (no sentido hermenêutico,

analítico, pragmático e até o estruturalista) à pós-modernidade. A realidade, a verdade, os critérios não existiriam mais, pois tudo seria relativo aos contextos ou aos *jogos de linguagem*. Canning (1994 *Apud* BERNSTEIN, 2013, p. 292) diz que a virada linguística se transformou

em uma expressão vale-tudo para críticas divergentes de paradigmas históricos estabelecidos, narrativas e cronologias, que abrangem não apenas o criticismo linguístico pós-estruturalista, a teoria linguística e a filosofia, mas também a antropologia cultural e simbólica, o novo historicismo e a teoria de gênero.

No entanto, não concordamos com a relação generalizante realizada por alguns, entre a guardada linguística e o pós-modernismo relativista. Compreendemos que as vertentes relacionadas à virada linguística em alguns casos e em certas linhas de desenvolvimento, nos diversos que houve – o que necessitaria uma análise caso a caso para poder compreender como se deu certos desenvolvimentos –, se afastou dos princípios pelos quais elas se fizeram. Mas os princípios se mantiveram e as rupturas da virada linguística provocaram drásticas alterações na forma de conceber e praticar o conhecimento, mantendo dois princípios em todas as suas vertentes, que são: o deslocamento do estudo das ideias, que eram compreendidas como internas ao sujeito, pelos estudos da linguagem, que são públicas, e a mudança da concepção de que não são as ideias que captam os objetos da realidade, mas sim que a própria linguagem as constrói.

É interessante como no desenvolvimento de algumas concepções teóricas, estes princípios foram sendo esquecidos ou relativizados. Não ocorreu assim devido à fraqueza de tais, mas sim pela necessidade que há de se buscar essências, de descobrir fundamentos, e assim uma teoria antifundacionista, passou a buscar fundamentos ou radicalizar, ignorando quaisquer possibilidades de tais.

Discordamos que a filosofia da linguagem tem completa associação com o pós-modernismo relativista, abandonando qualquer busca científica objetiva, e entendemos que quem realizou a virada linguística não, necessariamente, abandonou as pretensões epistemológicas, mas entendeu elas a partir de uma nova perspectiva, a linguística.

Considerações Finais

A virada linguística foi um movimento que provocou novos rumos para a filosofia, de modo geral. Não se pode limitar essa influência apenas à filosofia analítica, mas como Habermas (1989), percebemos que houve uma nova forma de se perceber o conhecimento, abandonando a tentativa de compreendê-lo na percepção e na representação de objetos de um sujeito individual, mas parte-se para um conhecimento que provém da comunicação. A questão que se passou a discutir é como entender essa comunicação, e neste texto buscamos apresentar diferentes caminhos provenientes desse novo paradigma que se formou a partir dessa nova abordagem linguística. Compreendemos que outros pensadores e pensamentos poderiam ser considerados, mas pretendemos apresentar uma categorização, que acreditamos pode facilitar um entendimento geral sobre essa nova fase da filosofia.

Referências:

- AUSTIN, John Langshaw. **Sentido e percepção**. Tradução de Armando Manuel Mora de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BERGMANN, Gustav. Logical Positivism, Language and the Reconstruction of Metaphysics, 1953. BERGMANN, Gustav. **Logic and reality**. Madison: University of Wisconsin Press, 1964.
- BERNSTEIN, Richard. Experiência após a virada linguística. **Cognitio**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 291-318, jul./dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/cognitiofilosofia/article/viewFile/18381/13674>
- DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: C. E. Nacional, 1985.
- FANN, K. T. **El concepto de filosofía en Wittgenstein**. Madri: Editorial Tecnos, 2013.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I**. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes, 1997.
- GLOCK, Hans-Johann. **Dicionário de Wittgenstein**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- HABERMAS, Jürgen. **Consciência Moral e Agir Comunicativo**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.
- _____. **O discurso filosófico da modernidade: doze lições**. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- MACHADO, Alexandre Noronha: **Lógica e Forma de Vida – Wittgenstein e a natureza da necessidade lógica e da filosofia – Tese de Doutorado, UFRGS, Porto Alegre, 2004**. Disponível em: https://www.academia.edu/231515/Lógica_e_Forma_de_Vida_Wittgenstein_e_a_Natureza_da_Necessidade_Lógica_e_da_Filosofia.
- MARCONDES, Danilo. **A Pragmática na Filosofia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos Coligidos**. Tradução de Armando Mora D'Oliveira e Sérgio Pomeranglum. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Os Pensadores).
- _____. **Semiótica**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005. p. 293.
- RORTY, Richard. **El giro linguístico**. Madri: Paidós, 1990.
- SCHMITZ, François. **Wittgenstein**. São Paulo: Liberdade, 2004.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus logico-philosophicus (TLP)**. Tradução de Luiz Henrique Lopes dos Santos. São Paulo: Edusp, 1993.
- _____. **Investigações filosóficas (IF)**. Tradução de José Carlos Bruni. São Paulo: Nova cultural, 1999 (coleção os pensadores).
- _____. **The Big Typescript - Escrito a máquina (BT)**. Madrid: Editorial Trotta, 2014.